

A QUE DISTÂNCIA FICA O CÉU DO PURGATÓRIO?

Um romance passado na cidade do Porto

Cândido Ribeiro



**A QUE
DISTÂNCIA
FICA O CÉU DO
PURGATÓRIO?**

Um romance passado na cidade do Porto

Cândido Ribeiro

AUTOR

CÁNDIDO RIBEIRO

TÍTULO

A QUE DISTÂNCIA FICA O CÉU DO PURGATÓRIO?

EDIÇÃO

Quântica Editora – Conteúdos Especializados, Lda.

Praça da Corujeira n.o 38 . 4300-144 PORTO

Tel: 220 939 053 . E-mail: geral@quanticaeditora.pt . www.quanticaeditora.pt

DISTRIBUIÇÃO

Booki – Conteúdos Especializados

Tel. 220 104 872 . Fax 220 104 871 . E-mail: info@booki.pt . www.booki.pt

REVISÃO

Quântica Editora – Conteúdos Especializados, Lda.

DESIGN

Quântica Editora – Conteúdos Especializados, Lda.

IMAGEM DE CAPA

Ricardo Castelo . www.ricardocastelo.com

IMPRESSÃO

Outubro, 2023

DEPÓSITO LEGAL

521666/23



A **cópia ilegal** viola os direitos dos autores.

Os prejudicados somos todos nós.

Copyright © 2023 | Todos os direitos reservados à Quântica Editora – Conteúdos Especializados, Lda.

A reprodução desta obra, no todo ou em parte, por fotocópia ou qualquer outro meio, seja eletrónico, mecânico ou outros, sem prévia autorização escrita do Editor e do Autor, é ilícita e passível de procedimento judicial contra o infrator.

Este livro encontra-se em conformidade com o novo Acordo Ortográfico de 1990, respeitando as suas indicações genéricas e assumindo algumas opções específicas.

CDU

82-3 Ficção. Prosa narrativa

82-31 Romances. Historias completas

ISBN

Papel: 9789899177116

E-book: 9789899177123

Catalogação da publicação

Família: Literatura

Subfamília: Ficção

**A QUE
DISTÂNCIA
FICA O CÉU DO
PURGATÓRIO?**

Um romance passado na cidade do Porto

Cândido Ribeiro

Em homenagem aos meus pais,
Joaquim Veiga Ribeiro, que nos deixou a 21 de janeiro de 2020,
e Maria Cândida Castelo, com quem, aos 92 anos, temos o grato prazer e
privilégio de conviver, continuando
a colher ensinamentos preciosos.
E dedicado aos meus filhos Marcelo e Bernardo
e à minha querida mulher Isabel Maria.

Outubro de 2023

NOTA DO AUTOR

Esta é a parte de um livro que muitos dos leitores saltam e a que o autor dedica esmerados cuidados para referências suas e que entende importantes, como se este fosse de facto o único momento em que escrevesse por si só!

Talvez este introito, possa despertar no leitor alguma curiosidade e assim levá-lo a ler o que eu gostaria que todos soubessem, sobre o que se passou e a motivação que me levou a escrever estas páginas.

Durante a redação deste texto, em algumas ocasiões tive dúvidas se deveria continuar a escrever, pois parecia-me que estava a tratar temas que a grande maioria das pessoas conhece bem e provavelmente melhor do que eu, ou seja, vulgaridades. Mas, de facto, a vida é feita fundamentalmente de vulgaridades e, na verdade, as nossas vidas e os caminhos que percorremos são mais semelhantes do que distintos. Se representássemos por linhas numa folha de papel os caminhos das nossas vidas, veríamos que seriam poucos os que se afastavam da grande maioria e muito poucos sairiam dos limites da folha; é a vulgaridade. Na verdade, a grande maioria de nós nasce no seio de uma família, cresce, vai à escola, inicia uma atividade profissional, constitui família, nascem os filhos que vão à escola e vemo-los crescer a garantir a continuidade e depois, morremos.

No entanto, entendi que esta não seria uma razão suficiente para deixar de escrever sobre aquilo que me motiva e que provavelmente outros até conheçam melhor, devendo fazê-lo, sim, ao meu jeito.

Decidi então avançar com a história, mas procurando que a sua leitura fosse para o leitor um motivo e motivação para a reflexão, um ponto de partida para que cada um e com base na sua própria experiência de vida, pudesse tirar as suas conclusões sobre temas que, na realidade, são comuns a todos os humanos e assim, com o exercício, cada um poder chegar às suas próprias conclusões, ainda que muito distintas uns dos outros e talvez neste caso as linhas já se afastem em grupos bem diversos.

Quando comecei a escrever, tinha uma ideia do que pretendia e até elaborei um esqueleto da história. Na verdade, creio que só o elaborei pois nunca mais voltei a consultá-lo para um balizamento ou orientação do que deveria escrever de seguida. Perdi-me na história e fui com ela...

Surpreendentemente, pelo menos para mim, a história foi criando o seu próprio caminho, as personagens foram ganhando personalidade própria e eu fui contando a história que elas iam permitindo, arrastado pelas personagens como se elas tivessem vontade própria. Quando me sentava a escrever, tinha naturalmente ideias sobre o que queria transmitir, mas à medida que ia desenvolvendo a narrativa e evoluía nas pesquisas, quase sempre o resultado final era algo diferente do que imaginara no início e, muitas vezes, até me surpreendia. A escrita passou a ser tão fortemente condicionada pelas personagens, seu perfil, personalidade e carácter, que, a dado momento, eu já não podia contrariar.

Também gostaria de revelar ao leitor uma outra motivação para ter escrito estas páginas.

Antes de mais, cabe referir que escrevi este texto num período da minha vida profissional em que passei a maior parte do tempo na América Central e com residência em Tegucigalpa, capital das Honduras. Escrever foi a forma que encontrei para preencher as horas dos fins de semana em que não estava a trabalhar. Na verdade, devo confessar que foi uma ótima companhia para estas horas de maior isolamento.

Sou um fã incondicional da cidade do Porto e por isso resolvi contar uma história que decorresse nesta linda e invicta cidade, procurando realçar acima de tudo a vitalidade da cidade, os fantásticos espaços que proporcionam aos seus habitantes e visitantes, uma variedade inesgotável de sensações, tendo, naturalmente, ficado muito aquém do que a cidade nos pode, de facto, oferecer, fazendo assim com que a cidade não fosse apenas o cenário, mas sim, também uma personagem.

Ao longo da narrativa, excluindo as referências históricas, bíblicas e dados estatísticos, tudo o resto deve ser considerado como ficção.

Escrever um livro é um desafio fascinante, pois tudo começa com a redação de um texto, que só será verdadeiramente um livro, se, saindo da mão do autor como peça inacabada, for depois pela leitura, moldada para a sua forma final e ao jeito do leitor, último artesão da peça. Por outras palavras, um texto só será livro, se o leitor chegar mais longe do que o autor pretende transmitir, fazendo com que a obra tenha mais valor do que o seu criador.

No entanto, o meu principal propósito é o de proporcionar ao leitor alguns momentos de leitura agradável, levando-o a dar um passeio pelo Porto e a percorrer um imaginário, onde a reflexão encaminhe o pensamento para além da própria história, o que será naturalmente um grande privilégio para mim.

Boa leitura e divirta-se!

Parte I
Na Terra!

1

A pesar do frio que se fazia sentir, o dia estava bonito, mais luminoso do que em qualquer outra altura do ano. O inverno empresta sempre aos dias solarengos uma luminosidade que deixa inveja aos quentes dias de verão. *Ótimos para a fotografia*, pensava Joaquim especado, como se fosse uma estátua, em frente à larga portada da sala, absorvendo os últimos laivos de sol daquela tarde de dezembro, como se escutasse o som da harpa que os raios de sol formavam no espaço e que em breve dariam lugar a laivos de luz desenhados pelos inúmeros candeeiros ao longo do rio. Com aquele cenário, não era necessário ouvir a música para a sentir.

A serenidade daquele momento, que ultimamente tantas vezes experimentava, dava-lhe uma satisfação inquieta, como se estivesse também ele a despedir-se de alguma coisa importante, sem saber para onde iria. Mas, naquele dia em particular, apetecia-lhe sorver o momento com satisfação e sentir a esperança de que ainda muitas tardes teria para gozar a luz límpida, o azul leve do céu manchado de nuvens esfarrapadas e o manto azul das tranquilas águas do rio, aqui e além onduladas pela ação do vento e pelas pequenas embarcações em movimento constante de vai e vem, exibindo com vaidade aquela natureza aos curiosos turistas.

Joaquim perdia a noção do tempo quando se dispunha a observar aquela paisagem, como se estivesse a contemplar a mulher amada nos dias de maior paixão. Quando a disponibilidade era maior, rodava o cadeirão para o cenário e ali ficava até que, por fim, o dia se escondesse e desse lugar à noite. Para ele, não havia pôr-do-sol mais emocionante e, nos últimos

tempos, sentia estes momentos com maior prazer e emoção, talvez mesmo, medo de perder aquele quadro tantas vezes pintado em momentos de solidão partilhada. Mas hoje, observava o espetáculo de pé, firme e com a sensação de que nunca deixaria de poder gozar aquele quadro de aguarelas reais, acreditando mesmo que a vida lhe seria eterna, sensação que o fazia sentir forte e animado como nunca.

Como todos os dias de inverno, sabia que o pôr-do-sol acontece mais cedo do que se gostaria, mas mesmo assim, Joaquim pedia em silêncio à natureza que o momento se prolongasse um pouco mais, como um presente pela comemoração que em breve iniciaria em sua casa.

Via-se o astro rei caindo lentamente sobre a linha do horizonte, mostrando com exatidão onde é o poente, ali, onde as águas do rio se misturam com as do Atlântico, desaguando depois de uma longa viagem, num abraço que se manifestava por uma ligeira ondulação. A enorme bola, colorida de um alaranjado forte, começava agora a tocar as águas, parecendo beijar o dia em despedida e saudar a noite com alegria, e lá se foi, para encanto de outros lugares da esfera terrestre que vai girando incessantemente, convertendo o dia em noite e a noite em dia, observando-se então o ocaso, no exato momento em que as luzes dos candeeiros ao longo da marginal se acendiam, para tentar imitar o dia e assim continuar a garantir luz à cidade.

O silêncio que se fazia sentir em casa, uma ou outra vez quebrado por uma ordem de Maria na cozinha, ou o bater de tachos provocados pelas tarefas que iniciavam para a preparação de um jantar especial, permitiam-lhe continuar a contemplar a mutação do cenário. Não tinha dúvida de que a imagem oferecida pelo rio durante o dia era especial, mas a noite também tinha encanto e merecedora de atenção. E por isso, ali continuava agarrado a um quadro vivo de tanta emoção e inúmeras recordações. O rio, absorvia agora os laivos de luz dos candeeiros da marginal e das casas em volta, misturando as cores em movimentos que acompanhariam na perfeição as melhores sinfonias.

Joaquim, continuava de pé em frente à janela que preenchia a parede da sala virada a Sul e completamente absorvido, vivendo intensamente o acontecimento, com uma sensação de inigualável serenidade, pela consciência de que nada podia fazer para contrariar aquele fantástico espetáculo da vida, que dá forma à partida e chegada, com valor igual.

"Ó vovô, estás aqui sozinho? Andava à tua procura!", assim se lhe dirigiu a Filomena, pendurando-se no braço esquerdo de Joaquim.

“Vê, querida, vê como é lindo o Rio Douro!”

“Mas já está a ficar noite e daqui a pouco nem se vê o rio, vovô”.

Filomena, ou Filó como todos a tratam na família, era a única bisneta do casal até ao momento e tinha pelo Joaquim um carinho muito particular. Talvez os passeios pelos jardins do Porto desde bebé, tenham contribuído para uma ligação que ia crescendo e isso deixava-o feliz. Com os seus quatro aninhos, era uma criança vivaça e colocava frequentemente questões, algumas de resposta difícil, mas que Joaquim adorava gerir.

“Ó vovô, anda cá, senta-te aqui comigo, porque eu quero perguntar-te uma coisa”. Este tratamento que Filó dava a Joaquim, era para o distinguir do avô Pedro, seu filho.

Joaquim rodou lentamente meio círculo ainda anestesiado pela emoção dos instantes anteriores e escolheu, para se sentar, um cadeirão forrado a veludo azul-escuro, de braços em madeira de cerejeira talhada à mão, pois era o mais cómodo para o seu corpo já cansado. Filó colocou-se entre as suas pernas e o vovô em gesto cuidado ergueu-a até ao seu regaço.

“Ó vovô, podes fazer cavalinho com as tuas pernas?”. A paciência de Joaquim para com a bisneta era inesgotável e aquela era uma das brincadeiras preferidas de Filó. Joaquim, enquanto imitava o trote ou galope do cavalo, contava-lhe histórias do cavalinho que ambos criaram no imaginário, de tal forma que já era como uma figura real. Chamavam-lhe Centelha, que fora uma égua com quem Joaquim partilhara muitas horas de montada na sua juventude. “Vamos Centelha, com mais força”, reclamava Filó rindo em gargalhadas desprendidas, ao mesmo tempo que os totós lhe saltavam ao ritmo da batida, dando-lhe assim ares de amazona destemida. Filó agarrava os punhos de Joaquim como se fossem as rédeas e ia dando ordens para controlar o passo. “Agora a galope, Centelha, com toda a força, vamos, vamos lá chegar primeiro que o vovô” e, ria, ria mais com alegria de quem tem o carinho merecido, enquanto Joaquim seguia a imaginação da bisneta, imitando relinchos do animal, como se ele fosse de facto Centelha, ou então também uma criança de quatro aninhos. Estes gestos tinham criado entre ambos uma cumplicidade tal que, por vezes, Filó não distinguia Joaquim dos seus amiguinhos do infantário, tal era a partilha e envolvimento do bisavô nas brincadeiras.

“Brruuuu..., brruuuu...”, imitava Joaquim em manifestação de cansaço do animal, para ver se a menina tinha dó e pedia um movimento mais calmo.

Parte II

No Purgatório!

15

Percebendo que entre o longo véu azul-celeste se criara uma abertura, Joaquim passou para lá daquela enorme porta, que se ia abrindo aqui e ali, como se o vento rompesse portas individuais para cada visitante que chegasse.

Entrou, entre receoso e curioso, dando passos curtos e olhando em redor. Uma sensação estranha de novidade, sem perceber se pairava num sonho ou se nada seria como antes, vivendo uma nova realidade. Esfregou os olhos, como se assim pudesse garantir que não se tratava de um sonho. Olhou em redor observando com cuidado a paisagem. *Nunca vi este lugar, não é nenhum dos jardins do Porto, não se trata de Serralves, do Jardim dos Sentimentos, do Jardim do Rosal, ou de qualquer outro lugar onde tenha estado! Onde estou?* Pensava. Voltou a esfregar os olhos, mas agora para admirar a paisagem, já convencido de que não estava num sonho, mas habitava uma nova realidade.

Olhou para si, desde os pés até ao ponto mais próximo dos seus próprios olhos, as mãos, braços e tocou-se na face e cabeça, para garantir que mantinha o cabelo. “Sim, estou completo, não estou a sonhar!...”, disse como se dialogasse consigo mesmo. Joaquim sentia-se como se tivesse acordado sem idade, não tinha dúvida de que estava mais inteiro do que nunca, despertado de um novo bem-estar, sem as habituais dores matinais nas costas, ou os braços dormentes e cada vez mais desinibido e confiante.

De quando em vez, o vento soprava e como porteiro delicado, abria no imenso véu azul-celeste uma nova porta para a entrada do visitante e logo

se desfazia depois da sua passagem. Os recém-chegados mostravam-se invariavelmente perplexos, depois dos primeiros passos e lá se iam distribuindo pelo espaço a perder de vista, de tal forma que cada um parecia ocupar um lugar próprio e isolado.

Joaquim rodou lentamente sobre o seu próprio eixo, sorvendo todas as sensações que aquele novo lugar lhe estava a proporcionar. Estre as árvores, desenhavam-se caminhos que se encontravam cobertos por folhas de tons quentes, como se fosse um tapete cuidadosamente construído pelo outono e a convidar a um passeio. *Aqui também é outono*, pensou Joaquim enquanto dava mais dois tímidos passos, sem saber em que direção devia seguir, ou mesmo se deveria sair daquele ponto. Pequenos jardins ladeados por pedras brancas polidas, viviam sob a sombra das árvores. Estendeu o olhar na direção da colina, onde se vislumbrava um imenso bosque, que embora a distância não permitisse ver em pormenor, era fácil perceber que se compunha de árvores de grande porte. Com alguma dificuldade avançou mais uns passos e, quase atropelado por um esquilo que trepou por um carvalho com genial habilidade, podia agora ouvir com maior nitidez o gorjeio dos pássaros, cuja variedade confundia o novo hospede. Uma pega-rabuda esvoaçou sobre a cabeça de Joaquim, fazendo levantar os seus cabelos brancos e logo pousou num dos ramos do carvalho que no momento admirava. Bandos de estorninhos-malhados saltitavam de ramo em ramo, tal como se via no Porto na altura do Outono, o que levou Joaquim a confirmar, *aqui também é outono. Onde estarei?*

Joaquim pensou em seguir pelos caminhos revestidos de um tapete de folhas com cores do Outono, mas teve de novo dificuldade em levantar os pés do chão. Não se sentia cansado, mas aquela incompreensível dificuldade em levantar os pés do chão, fê-lo decidir por se sentar num banco de pedra que parecia ter sido moldada por um escultor. Encheu o peito de ar, sorvendo o perfume das flores e não conseguia pensar em nada mais, que não fosse a explicação para aquele lugar. *Como é que aqui vim parar?...* O turbilhão de sensações e todas as novidades que observava, não deixavam espaço na sua mente para que pudesse pensar em nada mais que não fosse aquele misterioso lugar.

Sentou-se no banco de pedra esculpido pela natureza e reteve-se por instantes na dificuldade que sentia em caminhar, como se os pés fossem de chumbo e as pernas não tivessem músculo suficiente para as levantar, *que estranho, mas sinto-me com força, como se tivesse vinte anos!...*, disse de si para

si. Olhando em redor não viu ninguém, mas o véu azul-celeste continuava a abrir portas de quando em vez soprado pelo vento suave e assim permitindo a entrada de mais alguém, que, entretanto, desaparecia na imensidão do lugar, como se cada um tivesse reserva de privacidade por qualquer motivo que não conseguia entender. *Talvez apareça alguém que mande nisto e me possa dizer o que se está a passar*, pensava Joaquim enquanto começava a ambientar-se àquele lugar misterioso e resolvendo deixar o tempo correr, na expectativa de que assim se resolveria o dilema. Ao aperceber-se da sua decisão, esboçou um sorriso solitário, pois aquela nunca fora a sua atitude, ao longo da sua longa vida, uma vez que sempre fez questão de ser ele a comandar o destino da sua vida, a decidir o caminho por onde queria seguir. Tal situação souo-lhe estranha, mas começava a sentir-se confortável com a decisão e até convencido de que não poderia fazer nada em contrário. *Que estranho!...*, pronunciou como se alguém o pudesse ouvir. Voltou a olhar por si abaixo, passando as mãos pelo corpo em vistoria pormenorizada, sentiu o cabelo mais longo e suave que nunca e percebeu que não tinha consigo o seu inseparável relógio. *Nunca o deixo em lado nenhum, como é que não tenho o relógio comigo?...* pensava olhando à sua volta para confirmar a perda. *Onde o terei deixado?*

As folhas iam caindo das árvores e o vento soprava como se fosse a mão de um artista, colocando cada uma no lugar certo, para que o tapete se mantivesse em movimentos vivos. Algumas rastejavam rente ao chão, como que escolhendo o ponto certo para pousar, outras desciam em movimentos aleatórios, ocupando invariavelmente a posição certa no *puzzle*. Joaquim olhou com mais atenção e verificou que o desenho das folhas estendidas no chão ia mudando, como se quisessem travar um diálogo. Fez um esforço por se alhear do que sentia e via, cerrou os olhos e sacudiu bruscamente a cabeça; quando terminou o gesto, abriu os olhos; tudo estava na mesma e tudo lhe parecia estranhamente real. A ideia de que poderia estar a ter um sonho delirante, começava a perder consistência e crescia agora uma sensação de inquietação, ou mesmo medo, mas também de curiosidade, pela nova realidade que poderia estar de facto a viver. Tocou com as mãos a pedra onde estava sentado, dobrou-se e passando a mão direita pelo chão colheu um pedaço de terra que amaciou. Não havia qualquer dúvida, tudo era estranhamente real. Endireitou as costas, respirou fundo sorvendo o cheiro das flores, distinguindo a fragrância de açucena e jacinto, que logo lhe fez recordar o Jardim dos Sentimentos, onde tanto gostava de ir *onde*

tanto gosto de ir com Maria... pensou de súbito e percebendo pela primeira vez o afastamento da sua companheira de vida. Que raio se passa, onde estou? Porque não está aqui a Maria?...

Joaquim fez um esforço por se recordar dos últimos momentos, antes de ter chegado àquele lugar misterioso. Levantou-se num movimento rápido como há muito já não era capaz de fazer, o que o deixou ainda mais confuso. Quis caminhar, mas os passos eram lentos e obrigando-o a um esforço raro, que nunca antes experimentara. Recuou e voltou a sentar-se, colocando a cabeça entre as mãos, confuso e sem saber o que fazer. Recordou que estava deitado numa cama, onde Maria o observava com ar terno e lembrou-se das últimas palavras que ouvira de Maria; *não te esforces demasiado, precisas de todas as tuas forças*. Aquela recordação sobressaltou-o, o corpo contraiu-se num espasmo longo, como se todo ele tomasse consciência de que acordara para uma nova realidade.

“Morri?!...” explodiu em conclusão.

16

Joaquim fixou o olhar no vazio, sem saber em que pensar, sem saber mesmo se, na condição de morto, teria o direito de pensar fosse no que fosse. Um turbilhão de ideias e imagens começaram a percorrer a sua mente, tudo muito confuso e disperso, a maior parte nem fazia nexo, ou pelo menos não encontrava razão para que surgissem naquele momento. Fixou um dos pensamentos, recordando o que dissera a Maria numa conversa dias antes, “*na nossa idade, morrer até pode ser uma aventura! que aventura!...*”, pensou com uma expressão melancólica e sem tirar os olhos fixos no vazio. Naquele instante, sentiu falta da paisagem que admirava, sem se cansar, da sala de sua casa, o Rio Douro, “o meu Rio Douro, perdi o meu confidente!” sussurrou para si.

Morri, é certo que morri!...

Olhou para as suas mãos, tocou-se em vários pontos do corpo, notou a pele lisa como já não recordava, quase que se podia tocar por dentro, sentia-se bem, como se não tivesse idade.

Joaquim decidiu então assumir que tinha de facto morrido, o que, apesar de tudo, lhe deu maior tranquilidade e agora, procurava recuperar o equilíbrio emocional, preparando-se para o que pudesse vir a acontecer. Mas se estava morto, o que podia fazer senão nada? *nada...*, pensava sem obter respostas. “*Espero? Mas, esta nunca foi para mim uma escolha possível estarei incompreensivelmente resignado?...*”

Decidido pela sua nova condição, começou a recordar os últimos momentos da sua vida. Sentiu uma enorme saudade de Maria, queria vê-la, tocar-lhe e dizer-lhe o quanto a amava e fora importante para ele toda a vida. “*Ainda que não conheça nenhum morto que tenha falado com os vivos, eu hei de conseguir, hei de conseguir falar com Maria. Sim tenho de falar com ela!*”.

Sentado no banco de pedra, dobrou-se sobre si, fixou a cabeça entre as mãos e olhando para o chão no espaço entre os seus pés, concentrou-se no solo que formavam aquela superfície. Entre as partículas de solo, observava estranhos grãos de pedra que pareciam ter uma luminosidade própria. “*Serão cristais, ou pirilâmpas de almas fragmentadas pelo juízo*”, vaticinou. E logo imaginou como seria aquele lugar à noite, com todos aqueles grãos a emitirem brilho, transformando o tapete de folhas do outono, numa alcatifa mágica de brilho cintilante; seria como um céu estrelado no chão, considerou. Sorriu distraído pela ideia e criando em si a expectativa de que em breve poderia assistir a esse espetáculo. “*Quando será noite neste lugar?*” interrogou-se. Tentou perceber há quantas horas estava ali, só, sem saber o que fazer, completamente impotente para tomar qualquer decisão. “*Mas se estou morto...*”, concluía, “*o tempo já não é uma dimensão a ter em conta... afinal, para as almas não existe tempo.*”

Inconformado, voltou a tentar recordar o que se passara nas últimas horas de vida e nos primeiros momentos após a morte. Na verdade, a imagem de Maria debruçada sobre o leito da sua morte, estava bem presente, mas depois disso o que existia era um buraco completamente negro, sem nada, um vazio cósmico. Não tinha presente qualquer imagem do seu funeral, que certamente teria tido a participação de muitas pessoas, pois só a família e os amigos das tertúlias das quintas-feiras teriam enchido a Igreja do Carmo, local que certamente Maria teria destinado para as exéquias. De facto, entre as últimas palavras ditas a Maria e a passagem pela cortina azul-celeste, não havia na sua mente qualquer registo, facto que deixava Joaquim desconfortável e confuso. *Bolas, perdi uma parte da minha existência, a passagem para a vida eterna, o momento que sempre me criou mais expectativa.* Pensava, enquanto fazia um esforço para se recordar.

Será que estou no início da tal aventura? Endireitou as costas lentamente, enquanto pensava nestes factos e reparou nesse momento que os raios de sol que escapavam por entre as folhas das árvores, formavam um leque e incidiam nos grãos que pareciam ter luz própria, dando-lhes ainda mais realce e voltou a imaginar o espetáculo noturno, com todos aqueles pontos luminosos. *Mas há quanto tempo estou eu aqui?* Voltou a interrogar-se, enquanto, em gesto mecânico, ergueu o pulso para ver as horas, constatando de novo que não tinha o relógio consigo, o que não era nada habitual.

Voltou a colocar tudo em dúvida, como se isso lhe permitisse escolher o destino, *estarei num sonho e em breve acordarei ao lado de Maria?* supôs. *Se morri,*

como creio ter acontecido, devo ser recebido no Céu! Considerou Joaquim, de novo envolto num turbilhão de pensamentos. *Deus virá receber-me e procederá ao julgamento final, como é previsto,* concluiu. Varreu com o olhar toda a zona envolvente, na esperança de descobrir alguém que lhe pudesse dizer onde estava, ou uma qualquer indicação que lhe pudesse dar caminho. Mas não viu ninguém e voltou a ser absorvido pelos laivos de sol entre a folhagem, como fios de harpa, e decidiu sem reservas que estava morto, colocando em expectativa, o que lhe sucederia nos momentos seguintes.

Começou por recordar, o que em tempos tinha lido sobre as inúmeras teorias do que poderia acontecer após a morte. Sentiu um arrepio em manifestação de medo, o mesmo que sentia em vida quando refletia sobre o assunto. Durante a vida sempre tinha admitido, convicto, o destino com base na Fé e na crença de que a vida não era um acaso, mas sim uma premeditação, e esta premeditação tinha a mão de Deus, em quem acreditava como o maestro de tudo o que é existência. No entanto, a situação que experimentava, sentindo-se só e sem perspectivas do que poderia ocorrer, permitia-lhe colocar em causa crenças para ele há muito consagradas e estava disposto admitir outras teorias que lhe oferecessem melhor conforto.

Relembrou que, no seu estudo sobre o tema, dividira as várias teorias em quatro tipos. As que admitiam a continuidade da vida depois da morte do corpo, as teorias que creem na reencarnação, as que entendia tratarem o assunto como mera ficção científica e a perspectiva dos céticos que não aceitavam qualquer condição após a morte. Para além destas, teria desconsiderado outras, às quais não dava crédito e que não teria conseguido tipificar.

“*Será que estou a viver uma ilusão e os céticos terão razão ao dizerem que tudo é apenas criado nas nossas mentes e assim a morte não será mais do que um truque da própria mente?*”, foi o primeiro pensamento que lhe veio à cabeça, talvez por ser o mais distante das suas crenças e assim poder admitir que aquela reflexão não seria mais do que diversão para passar o tempo, enquanto o Salvador não chegasse. Na verdade, a ideia de que com a morte tudo fica negro e termina, ou que o universo começa com o nosso nascimento e termina com a morte, tal como consideram os egocêntricos ou solipsistas, nunca fora uma consideração que pudesse admitir.

Quase tão longe das suas considerações, estava a visão da ficção científica, como defende a teoria da simulação, onde tudo parece que se resume a um simples jogo de *videogame*, acreditando-se que as nossas vidas não passam de dados quantitativos, manipulados por um ser superior. Seria

chegar àquele lugar. *A trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados*¹⁰, revia mentalmente outra passagem que lhe ficara gravada, das conversas com Maria, entendida no assunto e que agora o ajudava a manter a esperança de voltar à vida no seu próprio corpo. *Lázaro ressuscitou!...*, meditava à procura de uma boa explicação para que a ele pudesse acontecer o mesmo. *Mas... foi ressuscitado por Jesus... e que me lembre nunca vi Jesus, portanto, só poderei ser bafejado por essa sorte, se aqui estiver para ser recebido por Ele!... poderá este espaço ser uma transição*, admitia, procurando sempre uma forma de garantir que a sorte lhe pudesse assegurar o objetivo. Por outro lado e segundo a Bíblia, acrescentava aos seus pensamentos, *na ressurreição, os que estiverem mortos, voltarão à vida apenas uma vez no mesmo corpo e isso acontecerá quando Jesus Cristo voltar segunda vez*^[21]. Mas para que tal sucedesse, seria necessário aguardar que Jesus voltasse à terra, onde Joaquim já não estava. Este revés na sua reflexão, surgiu como um balde de água fria pelo corpo abaixo, provocando uma imensa desilusão, à qual reagiu como se tivesse despertado de um sono.

Sacudiu de novo a cabeça, na esperança de que pensamentos mais positivos lhe devolvessem a esperança. Admitiu então que tudo o que estava a acontecer pudesse ser simplesmente um sonho. *E se tudo isto for o acordar de um sonho confuso?* perguntou a si mesmo e para tentar tirar dúvidas, beliscou-se.

Não, eu morri! Disso já não tenho dúvida. E como diz Platão, agora prosseguirei para uma nova vida mais gratificante e a morte dará à alma a possibilidade de encontrar a sua verdadeira existência. Considerava de novo a continuidade da vida, para conformado manter viva a esperança de uma existência melhor.

Toda esta reflexão acabara por trazer a Joaquim uma certa sensação de serenidade. Estava definitivamente convencido da sua nova condição e restava a expectativa do que iria acontecer.

Agora, já não era Joaquim que procurava alcançar a tranquilidade, mas fora a tranquilidade que tomara conta de si. Mas, na verdade, continuava dominado pelo mesmo medo sobre a morte que sentira em vida, como se o respeito por esse sentimento fosse sagrado, embora agora com a serenidade de quem está inevitavelmente no centro do problema e sem alternativa para o contornar. Conformado e após o percurso da reflexão, acreditava que nem a morte, nem o julgamento ou a expiação poderiam ser repetidos e por isso, a única solução seria enfrentar o desafio que surgisse, de resto, como tantas vezes fizera em vida.

¹⁰ 1 Coríntios 15:52.

Os pássaros chilreavam e saltavam de ramo para ramo em jogos de entreter, conferindo àquele lugar um sinónimo de paz, o vento soprava agora ligeiramente acariciando as folhas das árvores, como leque de dama. Um inseto pousou no ombro de Joaquim. Não o sacudiu, preferindo observá-lo em pormenor. Dobrou o pescoço o mais que pôde, esquinou o olhar e reparou que tinha um corpo alongado e estreito, parecia estar sentado sobre as patas posteriores e as anteriores erguidas como mãos em oração, “*é um louva-a-deus!*”, constatou.

Seria aquele inseto um presságio para o que iria acontecer? Joaquim tinha a sensação de que alguma coisa mudara naquele ambiente, como anúncio de algo importante, mas ao mesmo tempo, tudo lhe parecia estar na mesma e de gente apenas ele.

Procurou observar com mais atenção em seu redor. No interior de um carvalho, protegida dos raios solares, reparou numa coruja, que parecia fixá-lo, como se fosse guarda do espaço. Os seus enormes olhos, como faróis a projetar luz cor de laranja, sobressaiam entre a plumagem de tons cinza, parecendo prestar serviço de vigia à sua própria morte. Ou, talvez apenas se preparasse para a ação noturna, que já não deveria tardar. Numa outra árvore um pardal diligente asseava a plumagem, enquanto a fêmea no ninho alimentava a prole e um corvo parecia fitá-lo em missão atribuída. Num arbusto próximo de si, Joaquim observou um canário de pelagem manchada de tons esverdeados, regorjeava como se anunciasse o momento da verdade. Um rouxinol esvoaçou por trás de Joaquim, assustando-o e pousou num ramo próximo. O seu canto manifestava um sentimento de amor, que Joaquim escutou com gratidão. Estranhamente viu aproximar-se um cisne, sem que se tenha apercebido de qualquer lago por perto, visão que, por instantes, o fez supor de novo que estaria num sonho e que em

breve voltaria à vida real. O seu caminhar tranquilo e o balancear do longo pescoço encurvado completava aquele cenário, que lhe ia transmitindo uma forte sensação de tranquilidade e paz.

Sinto-me bem, de facto, até me sinto muito bem!... Na verdade, sinto-me tão bem que dadas as circunstâncias, até me sinto mal por me sentir tão bem; acabo de morrer e deveria estar deprimido por ter deixado a vida que tanto gostava, Maria que é parte de mim, a família que amo e os amigos, concluía Joaquim.

“Joaquim”, escutou uma voz, sem saber de onde vinha, que o fez despertar dos seus profundos pensamentos. Ergueu a cabeça, na tentativa de escutar melhor qualquer som, mas de imediato voltou a baixá-la, regressando ao ciclo da reflexão, como se retomasse um sono interrompido por breves instantes.

“Joaquim”, voltou a ouvir, agora de forma mais clara e que para ele ganhou sentido, ao ouvir, “vem até mim!”.

Quem me chama assim? pensou Joaquim. A voz suave sobressaía naquele ambiente ainda estranho, como água fresca da fonte em escarpa virgem, causando nova ansiedade, mas também curiosa expectativa. Joaquim suspendeu a respiração, para aumentar a concentração. Não se moveu por algum tempo à espera de que algo pudesse acontecer.

“Joaquim, vem até mim!”, ouvia de novo a mesma voz aveludada. levantou-se, entre curioso e expectante. Olhou primeiro para a direita, não identificando ninguém que o pudesse ter chamado. Depois, rodou lentamente para a esquerda e finalmente viu um vulto desenhado em contraluz entre as árvores e por isso, acentuavam-se as linhas da silhueta e o rosto pouco claro. Por trás do corpo, um cone de feixe de luz produzido pelos raios solares, fazia revelar uma silhueta de porte comum. Em gesto mecânico franziu a testa entre os olhos e esticou ligeiramente o pescoço para diante, na tentativa de assim conseguir melhor focagem do vulto. No imediato, o exercício não teve qualquer efeito, mas uns instantes depois, a vista mais bem habituada à luz da penumbra, melhorou ligeiramente a nitidez. Joaquim não conseguia distinguir se o corpo que observava era de uma mulher ou de um homem, tão pouco a voz que ouvira o ajudava na identificação.

Quem me chama assim? A estranha singularidade da situação, aumentava a curiosidade e ao mesmo tempo confirmava que, de facto, não estava num qualquer lugar. Era certo que não se encontrava num lugar comum à sua vida terrena e isso fazia crescer a motivação para dar o passo em frente e ir ter com aquela voz tão atraente.

Joaquim avançou na direção do vulto imóvel na contraluz, pé firme, mas

passo lento, na tentativa de assim poder atentar as feições do rosto pouco perceptível. Um ligeiro passo à direita permitiu-lhe ficar no enquadramento da sombra e assim com uma melhor nitidez. No entanto, a nova condição não desfez as dúvidas; *não consigo perceber se é um homem ou uma mulher, o seu rosto é algo enigmático, mas inusitadamente belo*, pensava Joaquim, procurando a todo o custo decifrar o enigma, antes de iniciar qualquer conversa com aquele novo interlocutor, quiçá o anfitrião. Tudo lhe parecia invulgarmente estranho, mas ao mesmo tempo as feições e a voz que ouvia transmitiam uma serenidade que o deixavam confiante. *Não há nada a temer! – pensava e também não tenho alternativa*, concluía; quando já se encontrava a três ou quatro passos e no mesmo momento em que um braço se esticou e a mão aberta sugeria uma receção carinhosa.

Aproximou-se e a mão pousou sobre o ombro de Joaquim, com a leveza de uma pluma e transferindo uma energia tão forte que o peso que sentia nos pés fora aliviado, como se algo de divino estivesse a acontecer. A sensação fora de tal forma forte que levou Joaquim a pensar que *sinto que estou a caminho do Paraíso* e deixou escapar um sorriso surdo e simpático. Pela primeira vez desde que Joaquim chegara àquele lugar, sentia a confiança superar o medo do desconhecido e do que pudesse vir a acontecer, esquecendo mesmo que ainda estaria por ocorrer o juízo final.

Encarou o rosto desconhecido, com a certeza de que tudo poderia ser melhor do que até àquele momento. *Que feições joviais, uma voz melodiosa e que serenidade tem no olhar!... Mas, com quem estarei a contactar?* – refletia Joaquim com o olhar agarrado ao seu interlocutor.

Em gesto afável, Joaquim foi puxado pelos ombros, num convite a caminhar.

“Desculpa, ter-te feito esperar, mais do que pretendia, mas hoje foi um dia especialmente repleto”.

Joaquim não sabia o que dizer, não sabia com quem estava a falar e receava tomar alguma iniciativa que fosse inadequada e, dessa forma, perturbar aquilo que lhe parecia começar a ser o caminho para a sua salvação, quem sabe se na direção do paraíso. Fez-se silêncio por alguns instantes, que para Joaquim lhe pareceram uma eternidade. Foi então Joaquim quem quebrou o silêncio, para tentar perceber tudo o que estava a acontecer desde que ali chegara.

“Será que me pode dizer que lugar é este?” e acrescentou, “vim aqui parar e não faço a menor ideia de onde me encontro!”

O seu interlocutor suspendeu a passada e rodou o corpo na direção de Joaquim. “Não te preocupes, Joaquim, estás no local certo e seguirás o caminho há muito traçado”. E antes que Joaquim interviesse, continuou, “este é o lugar onde as almas se purificam para poderem seguir para junto do Pai”.

Era a resposta que Joaquim esperava e agora, começava a sentir-se mais confortavelmente posicionado.

“Então quer dizer que estou no purgatório!”, disse de imediato.

“Bom, podes chamar-lhe assim, mas eu prefiro dizer que é um lugar de transição, onde as almas, ou melhor, os espíritos, têm a oportunidade de se redimirem dos pecados em vida, passando por um processo de educação e amadurecimento, que lhes permite chegarem à purificação, para que se possam apresentar perante o Pai e com Ele partilharem o Paraíso”.

“Então, será aqui onde se prestam as contas e, pela justiça, revelada a lista dos castigos!... Mas, não vejo fogo, nem sinais dele...”, referiu Joaquim com algum sentido de provocação, motivado pela ânsia de saber o que lhe iria acontecer.

O seu interlocutor soltou uma gargalhada divertida, “que visão de terror, tens tu, meu amigo!” A abordagem tão simples e informal deixara Joaquim mais tranquilo e recordou para si a conversa que ainda há pouco tempo tivera com os amigos na Adega São Nicolau, num jantar inesquecível.

“Sabes, Joaquim”, prosseguiu, “é na morte e no momento do juízo que cada pessoa experimenta com toda a intensidade, o significado da sua vida. É como se tu pudesses ver, do cimo de um cume, a tua vida terrena estendida, como milho em eira. O purgatório, como tu classificas, não pode ser um lugar de castigo ou medo, mas sim um estágio para que haja uma última oportunidade para a purificação dos espíritos e assim, poderem ser presentes ao Pai e entrarem no Paraíso.”

“Mas nas Sagradas Escrituras há vários textos que falam de um lugar onde existe fogo!”

“Sim! Mas o fogo a que te referes, é a chama purificadora que vem do Senhor e não um castigo.”

Deram mais uns passos curtos em silêncio, que Joaquim aproveitou para rever o raciocínio, pois pretendia ser assertivo no diálogo.

“Entendo. Mas há um juízo.”

“É verdade. Deus é graça que perdoa, mas não uma esponja que simplesmente apaga tudo o que foi feito de mal no mundo terreno, de tal forma

que na morte tudo tenha o mesmo valor!^[22]”, referiu o seu interlocutor na sua voz calma, melódica, que deixava Joaquim fascinado. E continuou, “Deus não é só benevolência, perdão, mas também justiça e as pessoas são responsáveis pelo que na vida fizeram”.

Joaquim seguia de olhos postos no chão, fixando as partículas singularmente cintilantes, como se elas lhe dessem maior capacidade para absorver e entender o que lhe era dito e referiu em jeito de remate, “pois! e é aqui, neste preciso lugar que as pessoas têm a oportunidade de se purificarem e assim obterem a santidade, que lhes permite apresentarem-se perante Ele e partilharem o paraíso, certo?” A conversa parecia-lhe um prolongamento da tertúlia na Adega São Nicolau e, entusiasmou-se na expectativa de agora poder dissipar todas as dúvidas que teriam ficado suspensas naquela ceia.

“Bem concluído, meu amigo. É de facto um tempo de esperança e reconciliação e não de desânimo e um processo que leva à verdade e pelo qual se entende o seu pleno significado e assim, a verdade assume para todo o sempre um lugar permanente nos espíritos”.

“Então” interveio Joaquim, agora fitando olhos nos olhos o seu interlocutor, “no final todos vão poder entrar no paraíso!”

“Já esperava que me dissesse isso, mas” e também olhando nos olhos de Joaquim, evidenciou uma expressão de confiança e continuou, “creio que será melhor falarmos sobre esse aspeto numa próxima conversa, depois de entenderes alguns pormenores importantes de todo este processo de que acabamos de falar.”

Bom, lá terei de satisfazer a minha curiosidade mais tarde e eu que tanto queria saber o que me vai acontecer nos próximos tempos, pensava Joaquim enquanto os dois iam caminhando com o diálogo em pausa, como se fosse feito um breve intervalo. *Será que lhe pergunto como e quando posso ver a minha Maria?* Joaquim mantinha a ideia fixa nesse reencontro com a sua amada, como se tal fosse uma possibilidade. Depois de uma simulação para voltar à conversa, Joaquim encheu-se de coragem e interrompeu o mutismo.

“Será que posso fazer uma pergunta, para satisfazer a minha curiosidade?”

“As que quiseses, pois estou aqui para te esclarecer e ajudar-te a seguir o teu caminho. Não esqueças que o caminho é teu.”

Estas palavras deram-lhe ainda mais conforto, colocava as coisas, de alguma forma, sob seu controlo como gostava e Joaquim já se sentia como um amigo próximo, *mas de quem?* refletiu por instantes.

“Já percebi que o Pai está no paraíso e aí, recebe as almas purificadas. E Jesus, onde se encontra?”

O companheiro de conversa correu a mão sobre os ombros de Joaquim, envolvendo-o. “Jesus está na terra, onde o Pai o colocou e sempre lá tem estado.”

“Mas como? Dele não temos notícia...”

“Na verdade, Jesus sempre tem estado por lá. Como vais perceber nos próximos dias, há coisas que os olhos humanos não podem ver, mas que se podem sentir!...”

“Entendo, queres dizer que se pode ver Jesus em certos gestos, ou mesmo pessoas de grande santidade e algumas delas até têm sido considerados santos; é isso, não é?”, concluiu Joaquim olhando-o nos olhos e aguardando aprovação.

“Sim, por exemplo! O Pai fez seu filho homem, para que mostrasse à humanidade o exemplo, mas apesar de morto, manteve-O no mundo dos vivos”. Joaquim recebera a resposta que lhe permitia entender a referência dada e fez um esforço para encontrar ao longo da sua vida manifestações do que acabava de ouvir. *Todos teremos, certamente, experiências em que Ele se manifestou*, pensou.

“Sim, percebo. Eu não terei dificuldade em identificar ao longo da minha vida, momentos em que Jesus se terá manifestado, mas infelizmente, estou certo de que na maioria das vezes não o entendi”.

Continuando ao longo do caminho de terra revestido pelo tapete de folhas tombadas das árvores pelo outono, os dois chegaram a um ponto de inflexão e donde era proporcionada uma visão de miradouro. Na vertente que agora iriam descer, um enorme conjunto de pequenas casas salpicava a encosta, como pinceladas de um quadro. A colina oposta revestia-se de verde e o seu cume parecia ser mais elevado do que o ponto onde se encontravam e ambas, se uniam lá em baixo numa linha que formava um rio de água-viva que corria, entre as paredes do maciço. De alguns pontos da encosta, surgiam escorrências de água, como fontes que alimentavam o curso de água límpida. Joaquim estacou ao ver aquele cenário. À sua mente, surgiram em cascata imagens do seu Rio Douro, recordando as encostas vinhateiras e as caminhadas em serviço que fora obrigado a calcorrear. Seria aquele o mesmo rio da sua vida? Deixou o olhar espraiair-se pelo espaço envolvente, expirou prolongadamente para impedir que a emoção tomasse conta do momento e depois sorveu a saudade que sentia, para se recompor.

“Que vista extraordinária que grandioso...”, disse sem desviar o olhar do cenário que o fascinava. O sol preparava-se para se esconder por trás da encosta à sua frente, gerando àquela hora uma variedade de tons entre o avermelhado e o laranja, que pareciam brotar como chamas do cume.

O seu companheiro de caminhada não proferiu qualquer palavra, preferindo que Joaquim absorvesse tudo por si só, sem a mínima influência, pois o que observava era Divino e a sua compreensão fazia parte da purificação.

“Perante tal cenário, percebemos a nossa insignificância. Ele é o Criador e deixa-nos deslumbrados com a sua obra”, deixou Joaquim escapar como se estivesse ali sozinho. A resposta foi uma simples confirmação com aceno de cabeça.

Antes de retomarem a marcha, que Joaquim não fazia ideia onde o levaria, rodou sobre si próprio e encarou a seu cicerone.

“Desculpar-me-ás pelo atrevimento de uma pergunta, pois não aguento mais a minha curiosidade?”

“Pergunta tudo o que queiras. Como já te disse estou aqui para te responder a tudo e te ajudar na caminhada que terás de percorrer”, respondeu.

“Recebeste-me com grande afetividade, a nossa conversa tem sido muito agradável Mas quem és tu?”, perguntou Joaquim com o ar mais simpático que podia, para minimizar o atrevimento da pergunta.

Os dois olhavam-se olhos nos olhos ao mesmo nível. “Jesus chamou-me de conselheiro!” proferiu, deixando correr um curto espaço de tempo para que Joaquim pudesse compreender bem a referência. E continuou no seu tom de voz afável e ditando lentamente, “e habito nos humanos!...”.

Joaquim sentiu o corpo estremecer, um arrepio percorreu-o desde a cabeça aos pés, como se fosse uma corrente elétrica, tornando-o imóvel. Engoliu em seco sem desviar o olhar e fez um esforço para recuperar o raciocínio e depois, foi levantando a mão direita com o indicador entre curvado, denunciando a pretensão de intervir. Assim fez de forma muito lenta, pesando cuidadosamente as palavras.

“Tu; tu és a consciência!...” e expectante, ficou a aguardar resposta àquela afirmação.

“Agrada-me a definição e tens razão, como escreveu João nas Escrituras, eu sou o *Espírito de verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; mas vós o conheceis, porque habita convosco, e estará em vós*¹¹”

¹¹ João 14:17.

e pousando a mão sobre o ombro de Joaquim, acrescentou com expressão afável, “eu sou o Espírito Santo”.

Joaquim sentiu de repente um misto de emoções. Recordou a tertúlia que tinha ocorrido no Solar do Vinho do Porto, com Maria, Carlos, Rosarinho e Baltazar, em que defendera que nos humanos habitava uma parte de Deus, manifestada pela consciência. Estava feliz por se sentir um visionário, pois agora constatava que a sua visão estava correta, mas ao mesmo tempo, sentia algum desânimo por não ter levado mais longe a sua visão e a mais pessoas, pois acreditava que tinha sido solicitado para tal e não correspondera ao chamamento.

Joaquim devolveu o gesto e tocou em Espírito Santo pela primeira vez, pousando também a mão sobre o seu ombro, para a ele se dirigir sorridente e com alguma euforia.

“O Espírito da Verdade, que, nos momentos de fraqueza ajuda a encontrar o caminho certo, mas a que os humanos raramente dão a atenção adequada” e sem parar continuou, “eu tenho de te pedir perdão, porque tantas vezes não quis escutar os teus conselhos...”

“Este é o tempo da expiação, que tu saberás aproveitar, para seguires o caminho.”

18

Os dois caminhavam, agora ladeira abaixo em direção às casas distribuídas pela encosta, que em breve começariam a acender as luzinhas, transformando todo o espaço num presépio vivo e, de quando em vez, iam cruzando com outros em suas tarefas de final de dia. Joaquim sentia-se mais tranquilo. Agora, sabia com quem partilhava aquele momento, Espírito Santo, mas ao mesmo tempo aumentara a responsabilidade sobre o que iria acontecer nos próximos tempos, pois estava consciente de que falava com alguém que o conhecia tão bem quanto ele próprio, uma vez que vivera toda a sua vida dentro de si.

Em Joaquim cresciam as perguntas e ele tinha de saciar a curiosidade, por isso, retomou o diálogo.

“Já me satisfizeste muitas das minhas interrogações, sei onde está o Pai, Jesus que é Filho continua na Terra e tu o Espírito Santo estás aqui; mas onde está Deus?”

“Nós somos Deus, um em três, já que as nossas ações são interdependentes^[23]”.

Joaquim levou a mão ao queixo em gesto de reflexão.

“Entendo, a Santíssima Trindade!...” e benzeu-se em gesto de respeito.

A descida motivava a um passo mais largo, mas Joaquim não tinha pressa. Pelo contrário, continuava interessado em saber mais sobre aquele lugar, o que iria acontecer e fundamentalmente como conseguiria encontrar uma forma de chegar até Maria.

“Vou levar-te à tua nova morada. Creio que vais gostar da companhia”, referiu Espírito Santo, dando assim a conhecer o destino. “Vês aquela casinha ali em baixo, azul, com a cobertura em telha? É ali que vais morar nos próximos tempos”.

A QUE DISTÂNCIA FICA O CÉU DO PURGATÓRIO?



Um romance passado na cidade do Porto

Cândido Ribeiro

A que distância fica o Céu do Purgatório? é uma reflexão sobre questões fundamentais da humanidade e o caminho que esta tem vindo a desenvolver em nome da evolução. Fruto de convicções individuais e experiência de vida, do contacto com diversas e díspares culturas, o autor – numa espécie de confronto entre espiritualidade e ciência – estimula o leitor a uma interpretação íntima e pessoal acima de todas as diferenças e crenças.

Neste, que é o seu primeiro romance, Cândido Ribeiro recorre à cidade do Porto para a encenação, com toda a sua história, a sua cultura e as suas gentes, bem como os seus jardins e o Douro, o rio que aqui é personagem, abordando a importância e o papel das religiões e da ciência, tentando recolocar a sua relevância e persuasão na atuação dos dias de hoje, visto que os indicadores evidenciam que não habitamos sociedades mais felizes.

Nesta ‘viagem’ entre a vida e a morte, o autor remete para dúvidas ancestrais – ‘o que faço e quero da vida’, ‘para onde vamos’ e ‘o que vem depois da morte’ – tomados que estamos pela tecnologia e beneficiando da evolução da ciência, ou melhor, das ciências.

